

Igreja está a promover o diálogo para a paz em Moçambique

Séc. Jb.
22/5/89

A Igreja poderá desempenhar um papel importante no estabelecimento da paz em Moçambique, através da promoção do diálogo e da dissuasão das forças que apoiam o conflito, afirmou à agência Lusa o bispo de Lichinga.

D. Manuel Gonzaga, que falava durante uma entrevista concedida à Lusa na capital provincial do Niassa, referiu a existência de «governos e organizações que prestam apoio à Renamo», em termos logísticos e políticos.

«O suporte político, que consiste em dizer-lhes 'mantenham a guerra que nos garantimos-lhes as costas', é muito importante e constitui um dos principais suportes do conflito», considerou o dirigente religioso.

«A Igreja pode desempenhar um papel muito importante, utilizando a sua influência junto dessas forças, no sentido de reduzir o fosso que ainda separa as partes, aproximando-as até ao nível do diálogo».

«E esse o trabalho que já está a ser feito», concretizou. Manuel Gonzaga, nascido em Santo Tirso há 66 anos, recebeu o jornalista da Lusa durante cerca de uma hora no seu gabinete de trabalho, em Lichinga, capital do Niassa, a província moçambicana mais afectada pelas dificuldades logísticas e de comunicação.

Com 17 anos de experiência naquela região, o bispo expôs
(cont. na pag. 23)

(cont. da 1.ª pag.)
a sua perspectiva sobre as relações com o vizinho Malawi, a situação das populações locais e os progressos registados nas relações entre a Igreja e o Estado moçambicano.

Aludindo a informações recolhidas durante viagens ao território malawiano e a contactos com as populações, o bispo defendeu que o regime de Kamuzu Banda não presta apoio militar aos combatentes da Renamo.

«Pode ser que já o tenha feito no passado, mas actualmente estou convencido de que não existe um apoio efectivo», referiu.

Manuel Gonzaga admitiu casos de guarda aos rebeldes no Malawi mas sublinhou a dificuldade de com-

provação destas acções, face à continua mobilidade de populações pertencentes à mesma etnia, que se alheiam das convenções fronteiriças.

Responsável por uma região com pouco mais de 150 mil cristãos, na sua maioria católicos, D. Manuel Gonzaga reconhece uma melhoria significativa no relacionamento entre a Igreja e o Executivo de Maputo, após «os excessos que sucederam à independência».

«Aqui na província ainda não foram devolvidas todas as instalações pertencentes à Igreja, umas por dificuldades de realojamento dos actuais ocupantes e, outras, por desacordo na função respectiva».

Segundo os termos da lei

moçambicana, todos os bens ligados à saúde e à educação deveriam ser nacionalizados, alínea que tem separado as duas partes na perspectivação das funções de algumas infraestruturas.

«Mas isso — sublinhou — não interfere com o espírito de abertura e de aproximação que domina as relações actuais entre o Estado e a Igreja».

«Deixou de haver perseguições às pessoas, nomeadamente a interdição de casamentos religiosos envolvendo funcionários ou membros do partido» — afirmou o bispo do Niassa.

ESTADOS UNIDOS RECUAM NUMA MEDIACÃO OFICIAL

Os Estados Unidos não tencionam ser medianeiros de conversações entre a Renamo e a Frelimo mas acreditam que elas constituem a solução para a guerra em Moçambique — dis-

se em Washington o secretário de Estado Adjunto norte-americano, Herman Cohen.

Entrevistado pela emissora norte-americana «Voz da América», Cohen, secretário de Estado Adjunto para os Assuntos Africanos, disse que os Estados Unidos vão tomar em breve uma decisão final quanto ao seu papel no processo de paz em Moçambique.

«Não penso que possamos ser medianeiros, como fomos nas conversações sobre Angola e Namíbia, mas talvez possamos contribuir para que eles empreendam negociações — declarou Herman Cohen.

Nas audiências do Senado norte-americano para a confirmação no cargo, Cohen afirmou que «a situação em Moçambique é tão grave e a necessidade de paz é tão grande que eu estou disposto a falar com toda a gente».

No entanto, até este mo-

mento, a Administração Bush ainda não manteve quaisquer contactos com a Renamo.

Herman Cohen justificou a recusa do papel de mediano declarando que os Estados Unidos «não conhecem suficientemente a situação moçambicana e que outros países — como o Zimbábue, o Malawi e a África do Sul — poderão estar «em condições de desempenhar um papel mais importante».

Afirmado esperar que o Governo e os rebeldes moçambicanos dêem início a conversações de paz «ainda em 1989», Cohen declarou que ultimamente surgiram «sinais de que o Governo moçambicano está a fazer um esforço para comunicar» com os rebeldes.

«Não tenho conhecimento de quaisquer contactos directos entre as duas partes. Pode ser que haja contactos indirectos, mas não posso falar sobre o assun-

to» — disse o responsável pela diplomacia africana da Administração Bush.

Cohen recusou-se a comentar sugestões de que não haverá consenso entre os dirigentes moçambicanos quanto à oportunidade de conversações com a Renamo, mas advertiu que «uma solução militar é totalmente impossível» e apelou a que «todos pensem em

termos de uma solução negociada».

O diplomata norte-americano acrescentou que os Estados Unidos «não querem dar legitimidade à Renamo» nem manter «relações oficiais» com os rebeldes moçambicanos devido «ao seu passado, ao modo como conduzem as operações de guerra e às suas atrocidades».

